

## GÊNERO?

John W. Martin<sup>1</sup>

A cada ano difunde-se mais no Brasil o estudo da Lingüística. Poucas são, porém, as repercussões deste fato no ensino da língua pátria. Conclui-se: ou a Lingüística tem poucas possibilidades de traduzir-se em efeitos práticos, ou há uma grande e lamentável falta de comunicação entre, por um lado, os teóricos desta matéria e, por outro, os encarregados do ensino do português nas escolas. Pretendo, no que se segue, demonstrar que a primeira destas alternativas é falsa e, ao mesmo tempo, oferecer uma pequena contribuição para a aplicação do pensamento lingüístico a uma melhor formulação da gramática da língua portuguesa.

É tradicional exigir-se dos alunos das escolas primárias e secundárias algum domínio de conceitos gramaticais, de modo que, além de poderem se expressar na “língua padrão” (seja qual for a definição desta), os aprovandos nos vestibulares e outros testes devem lidar com conceitos como “sujeito”, “objeto direto”, “objeto indireto”, “concordância verbal”, etc. Sem negar que o estudo da gramática seja útil aos alunos, acho evidente que pelo menos o professor da língua portuguesa deveria possuir conhecimentos coerentes a respeito da gramática que subjaz, embora só implicitamente, a seus pronunciamentos acerca do uso da língua. Se aos alunos se aplicar a mesma exigência, tanto mais importante será que os manuais de gramática por eles consultados sejam também coerentes na teoria que apresentam.

Entre as mais corriqueiras das noções gramaticais conta-se a de gênero. De acordo com as gramáticas escolares, o português possui dois gêneros, que são o *masculino* e o *feminino* (ao que acresce que os pronomes demonstrativos acusam, também, um paradigma dito “neutro”).<sup>2</sup> Pareceria ocioso contestar “fatos” tão simples, mas acontece que eles estão em conflito radical com as evidências fornecidas pela própria língua. No que segue, porei em relevo este conflito, e oferecerei uma alternativa à noção de gênero numa gramática coerente da língua portuguesa.

Se não fosse o fenômeno da concordância, não haveria por que falar em gênero para descrever adequadamente a língua. *Mesa*, por exemplo, “é feminino” justamente porque exige que certos outros elementos, quais sejam artigos e adjetivos, apareçam em formas também ditas “femininas”. Mas, se todo substantivo aceitasse somente os artigos *um, uns; o, os*; e os adjetivos *bom, bons; largo, largos*, etc., não haveria concordância genérica e, portanto não haveria gênero. E o mesmo aconteceria se todo substantivo aceitasse *uma, umas; a, as; boa, boas; larga, largas*, etc.: tais substantivos, na falta de outros que exigissem *um, uns*, etc., não seriam “femininos”, mas simplesmente “singulares” ou “plurais”. Em português, porém, como todo mundo sabe, há dois grandes grupos de substantivos, um deles exemplificável por *fogão, espírito, menino*, e o outro por *mesa, verdade, menina*. É destes dois grupos que to-

---

<sup>1</sup> Este artigo, transcrito da *Revista Brasileira de Lingüística*, nº 2, 1975, p. 3-8, por José Pereira da Silva, foi distribuído durante a SEMANA DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA e vai aqui publicado sem a autorização explícita do autor, por absoluta falta de informação sobre sua localização.

<sup>2</sup> Aplica-se mal o conceito de “gênero” a palavras como *isto, isso, aquilo*, que não derivam sua forma de substantivo algum. Usam-se estas palavras, juntamente com *tudo, algo, nada*, justamente quando não está disponível um substantivo especificável. Dentro da gramática escolar, *isto, isso, aquilo* teriam que ser considerados, por não se relacionarem a substantivos, como não tendo gênero, e *tudo, algo, nada* teriam que ser “masculinos” (cp. *Deu-lhe dum tudo; O algo que eu desejo é vago, indefinível; Nada vem do nada*). No arcabouço teórico que obriga este ensaio, todos eles são elementos “não marcantes” (conceito que é explicado mais adiante), haja vista: *Isto (isso, aquilo, tudo, algo, nada) seria bom*.

mam seu gênero os artigos e os adjetivos.<sup>3</sup>

Segue-se, neste modo de ver as coisas, que *cheio* é um adjetivo masculino:

**(1) O pé está cheio de limão.**

Isto é, *cheio* concorda, aqui, com *pé*, que também “é masculino”. Exemplifica-se em (1), então, a regra que diz, em sua essência, que o adjetivo predicativo concorda em gênero (e em número) com o substantivo do predicado. Ora, também em

**(2) Um sorvete seria ótimo**

dir-se-ia, acredito, que *ótimo* é do gênero masculino, por força duma suposta concordância com *sorvete*. Mas, se isto fosse verdade, como explicar a forma *ótimo* em

**(3) Uma cerveja seria ótimo,**

onde deveríamos poder aplicar a mesma lógica que em (2)? E em

**(4) Está cheio de limão no pé,**

com que substantivo podemos relacionar *cheio* para justificar chamarmo-lo “masculino”? Ninguém, seguramente, se atreveria a relacioná-lo com *pé* neste exemplo, nem com *limão*, pois ambos estes substantivos são objetos de preposição, e não sujeitos de predicado. Mas, se alguém teimar, remitamo-lo a

**(5) Está cheio de crianças na praia,**

onde *cheio* permanece indiferente à “femininidade” dos substantivos.

Ao compararmos (4) com (1), vemos que os dois exemplos representam um só significado, e que a parte que em (1) aparece como sujeito surge em (4) depois da preposição *em*, deixando esta oração órfã de sujeito. É óbvio que o mesmo acontece em (5), e que em ambas estas últimas orações *cheio* não tem substantivo com que possa concordar. Este fato nos sugere que talvez aconteça o mesmo com *ótimo* em (2) e (3). Com efeito, que é que, de acordo com (3), seria ótimo? Para responder a esta pergunta, vemo-nos forçados a imaginar um contexto em que possamos situar essa oração. Ela poderia, por exemplo, ser resposta à pergunta “Que podemos usar para apagar incêndio no cesto de papéis?” ou ainda “Que que vocês vão tomar?” Conforme o contexto, então, (2) seria uma forma abreviada de

**(6) Usarmos uma cerveja para apagar o incêndio no cesto de papéis seria ótimo**

ou de

**(7) Tomarmos uma cerveja seria ótimo.**

Em (3), pois, *uma cerveja* é simplesmente a parte do sujeito de *seria ótimo* que sobreviveu a um processo abreviatório, e representa o objeto de *usarmos* ou de *tomarmos* de (6) ou (7). Isto é, em (3) *uma cerveja* não é o sujeito de *seria ótimo*; é o objeto dum verbo que, ao ser omitido, fica “subentendido” por força do contexto. O mesmo vale, é claro, para *sorvete* em (2). Ora, teríamos que ultrapassar os limites da gramática escolar, se quiséssemos chamar de “masculinas” construções como *usarmos uma cerveja para apagar o incêndio no cesto de papéis* ou *tomarmos uma cerveja*, mas é óbvio que é mesmo com elas, ou com outras que as valha, que *ótimo* concorda em (3), (6) e (7). Com efeito, o sujeito do predicado nestes três exemplos, e em (2), não é um substantivo. E recordando que é dos substantivos que supúnhamos derivarem-se as formas dos adjetivos, encontramos aqui diante do mesmo fato contraditório que em (4) e (5): nossos adjetivos parecem estar no “masculino” mesmo quando

---

<sup>3</sup> Também os pronomes, anafóricos, tomam seu “gênero” dos substantivos a que se referem: *Maria é boa demais para que a chamem de capeta*.

não há substantivo masculino a que possamos relacioná-los. Resta, é claro, a possibilidade de que devamos simplesmente reformular nossa noção de “masculinidade” gramatical, ampliando-a de maneira a admitir nela os sujeitos do predicado de (6) e (7). De fato, esta talvez fosse uma solução razoável, se não existissem também orações como (4) e (5), onde não há sujeito algum que justifique que *cheio* seja chamado de “masculino” – a menos que aceitássemos incorrer em contra-sensos do tipo “Quando não houver nada com que o adjetivo possa concordar, a regra de concordância (?) determinará que o mesmo apareça no gênero masculino”.

Observando agora que o “feminino” do adjetivo aparece somente quando este está relacionado a um substantivo feminino, como

**(8) A praia está cheia de crianças**

e que tanto em (1) a (7) quanto em

**(9) a. Pedro é alto**

**b. Este livro é interessante**

**c. O ônibus está lotado**

não aparece essa forma adjetiva dita “feminina”, depreende-se que alguns adjetivos têm duas formas: uma que aparece somente quando o adjetivo está relacionado a um substantivo feminino, e outra que aparece em todas as outras circunstâncias, haja ou não um substantivo a ela relacionado. Ora, se chamássemos de “masculinos” os adjetivos de (1) e (9), ficaríamos sem motivo para assim designar os de (2) a (7), que não estão relacionados a nenhum substantivo, e que teriam que se designados, talvez, de “neutros”. Teríamos então duas categorias: uma para os adjetivos “masculinos”, relacionados com substantivos do mesmo gênero, e outra para os não relacionados com substantivos. E a ambas essas supostas categorias corresponderia uma só forma. Ao aceitarmos tal solução, é claro, estaríamos perdendo uma generalização importante, a qual pode ser captada abrangendo todos os adjetivos dos exemplos (1) a (7), juntamente com os de (9), numa só categoria.

Colocando de outra maneira o que acabamos de ver, podemos dizer que um adjetivo como *cheio*, por exemplo, tem duas formas (excluindo, por serem aqui irrelevantes, as do plural), e que, destas, uma – a variante – aparece somente sob a influência de certos substantivos, que são os “marcantes”.<sup>4</sup> Em (8), por exemplo, *praia* “marca” o adjetivo, e surge a variante deste, ou seja, a “forma marcada”. A forma “não marcada” de *cheio*, então, é *cheio* mesmo, e ela aparecerá sempre que este adjetivo não estiver relacionado a um substantivo marcante. Nos exemplos (2) a (7), os adjetivos não estão relacionados a substantivo algum; portanto, eles não são marcados. Em (1) e em (9), embora haja substantivos relacionados aos adjetivos, eles não são do grupo dos marcantes; também aqui, então, aparecem as formas adjetivas não marcadas.

---

<sup>4</sup> Os substantivos marcantes afetam os adjetivos relacionados somente quando não está presente nenhum substantivo da outra categoria: a. *Maria é alta.* b. *Maria e Joana são altas.* c. *Maria e Pedro são altos.* Nos termos da gramática tradicional, diz-se que o “masculino” predomina em tais casos. Na análise aqui proposta, haveria que dizer que um adjetivo fica marcado somente quando relacionado exclusivamente a substantivo(s) marcante(s). Se a diferença é sutil, nem por isso é menos importante: o processo de marcação se realiza somente em contextos “puros”. Não havendo um tal contexto, não haverá, tampouco, concordância. Desaparece assim a noção da “predominância do masculino” e surge, em seu lugar, a da não marcação, exceto nesses casos em que o adjetivo é relacionado ao contexto puro de substantivo capaz de marcá-lo.

É óbvio que um sujeito marcante não pode ser coordenado com outro que não existe: 1.a. *Maria está cheia de pulgas* b. *Na praia está cheio de pulgas.* c. *\*Maria e na praia...*

Menos óbvio, mas nem por isso menos verdade, é o fato de não poderem ser coordenados um sujeito substantivo e outro não substantivo: 2. a. *Fazerem isso é ótimo.* b. *Maria é ótima.* c. *\*Fazerem isso e Maria...*

Resumindo, não há substantivo marcante que afete nenhum dos adjetivos em orações como:

**(10) a. O chão está limpo**

**b. Aqui é bom**

**c. O bolo está queimado**

**d. Está frio nesta sala**

**e. É bom que pensem nisso**

**f. Demorava para isto ficar bom**

**g. Comeremos uma peixada seria ótimo**

**h. Este cara é chatíssimo**

Isto é, em **(10.b,d,e,f,g)**, não há substantivo relacionado a adjetivo, e em **(10.a,c,h)** o substantivo não pertence à categoria dos marcantes. Em todas estas orações, e em todos os exemplos anteriores menos **(8)**, o adjetivo aparece em sua forma básica. Por conseguinte, não há motivo para insistirmos em usar, na gramática do português, o termo “masculino”. Os adjetivos de **(10)** e dos exemplos semelhantes anteriores têm a forma que têm por não estarem relacionados a substantivo marcante, e não por possuírem “gênero”. E se estas considerações nos dissuadem de empregar o termo genérico “masculino” para designar *cheio, alto, bom*, etc., que motivo resta para designarmos “femininos” os adjetivos de **(8)** e de

**(11) a. Maria é alta**

**b. Essa cadeira está quebrada**

**c. Sua tia é linda**

onde simplesmente aparecem, por força dos substantivos marcantes, as formas marcadas de *alto, quebrado* e *lindo*? O termo “feminino”, de significação tão francamente polar, faz sentido somente quando oposto a seu contrário, “masculino”, e este, vimos já, não tem justificativa numa gramática da língua portuguesa.

No lugar de “gênero”, então, fica o conceito de adjetivos marcados ou não marcados. Os marcados correspondem aos “femininos” da gramática escolar, e aparecem somente quando o adjetivo está relacionado a um substantivo marcante. Os não marcados aparecem EM TODAS AS OUTRAS CIRCUNSTÂNCIAS, haja ou não um substantivo a eles relacionado. É este último fato que determina que o assunto não seja uma mera questão terminológica, pois as conclusões dele decorrentes transformam dum modo essencial nossa maneira de encarar a categorização dos substantivos e o fenômeno da concordância adjetiva.